

*Hymenoptera
Planeta 1*

Gilberto Raulino

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Raulino, Gilberto

Hymenoptera : planeta 1 / Gilberto Raulino. --
Lontras, SC : Gilberto Raulino, 2021.

ISBN 978-65-00-31654-4

1. Ficção brasileira I. Título.

21-83425

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha família, uma grande miscelânea de seres queridos, que tornam meus dias mais felizes. Essa grande, heterogênea e singular família é fora do padrão do que se convencionou chamar assim.

Dedico esta obra também ao meu filho Rafael, minha filha, Júnia e minha nora, lasmin.

AGRADECIMENTOS

Esta parte sempre é a mais difícil de um livro. Eu poderia escrever outro livro apenas com os agradecimentos. Mas vamos lá.

Na juventude, tive bons professores e alguns ficaram em minha memória. Um deles, Agenor Giovanella, do qual lembro com carinho, me incentivou a ler e escrever com paixão e curiosidade. Portanto, gratidão mestre!

Agradeço à minha querida, Debora Claudio, que foi a revisora, editora e diagramadora deste livro. Ela é uma entusiasta de tudo que resolvo fazer. Me ajuda a ser melhor na vida e sempre renova o contrato que tem comigo (risos).

PRÓLOGO

Em um tempo não determinado, em um lugar desconhecido, os seres que se autodenominam “humanos” atingiram a capacidade de se deslocar, não apenas no espaço, mas também no tempo, abrindo um leque quase indescritível de possibilidades, de mundos e eras a serem visitados.

Junto com esse grande momento de descobertas, muitas perguntas foram respondidas, mas novas questões surgiram. Então, a humanidade preparou gerações de espaço-tempo nautas. Desde muito jovens, eles eram direcionados para a missão de irem muito além do que seus pais e avós tinham ido, em termos de distâncias estelares.

Era preciso conhecer, catalogar, mapear e registrar cada novo mundo como um gigantesco caleidoscópio celestial. Depois, colonizar ou apenas deixar reconhecido como possível de colonização, pois, como sabemos, a espécie humana não conhece limites de expansão.

Logo, as pessoas poderiam escolher em quais outros mundos viveriam suas existências. Não estavam mais pressas ao seu planeta natal. Isso poderia ser bom, ou ruim.

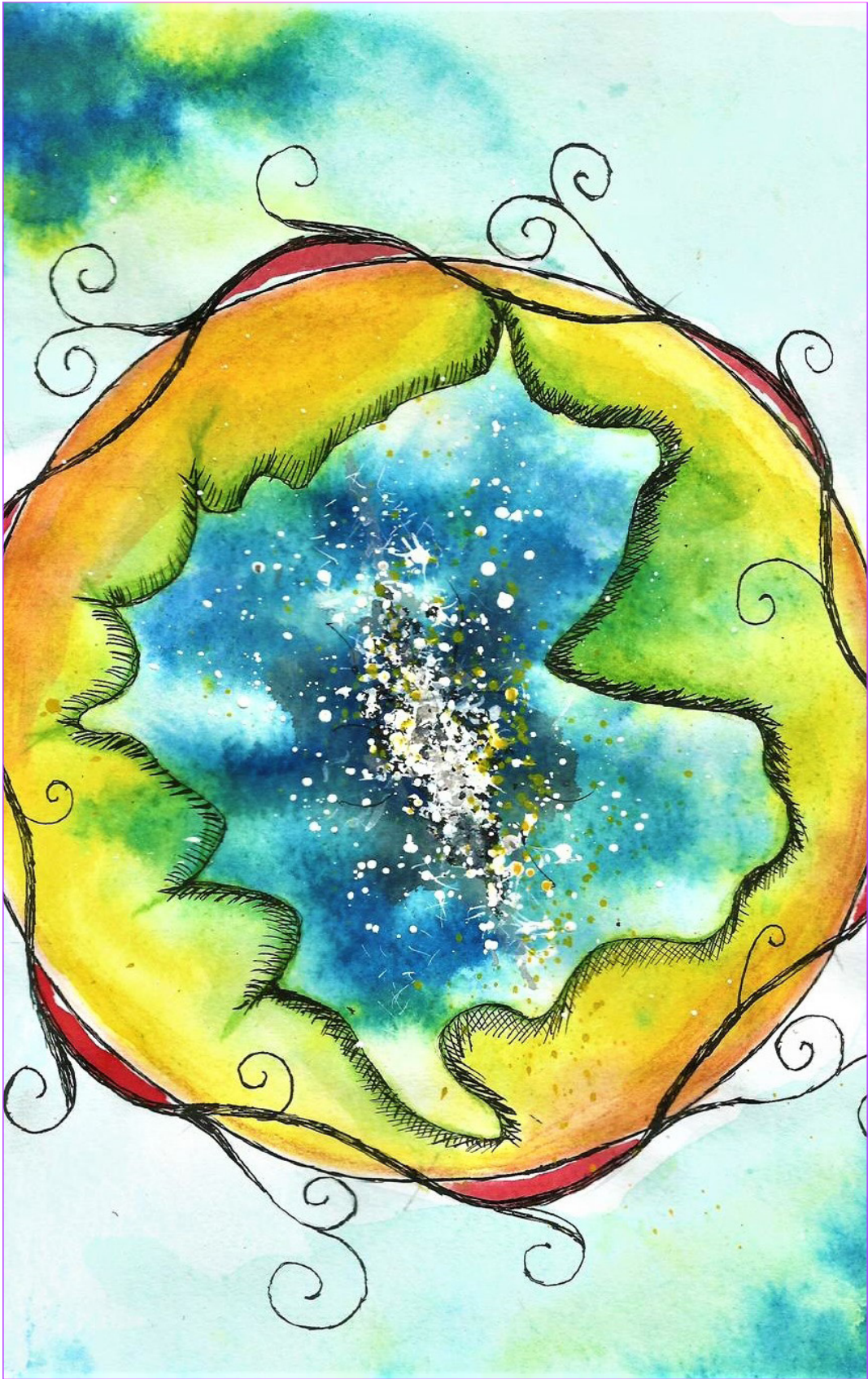
Antes, porém, de enviar um grande número de colonizadores, eram encaminhados os exploradores, com sua imensa vontade de reconhecer, mapear, fazer contato com vidas desconhecidas e voltar. Isso se conseguissem sobreviver ao que encontrassem.

Esta é uma dessas histórias, contada por um destes desbravadores, em sua saga diária, em um planeta desconhecido e aparentemente solitário. Nosso personagem contava apenas com alguns recursos tecnológicos e três nano drones como companhia.

Seu pouso não aconteceu do melhor modo possível. Ele sobrevivera por meses, sem ter ido muito além do território que tinha mapeado no voo de reconhecimento. Apesar disso, conseguiu entrar em uma colônia de seres amigáveis, que lhe concederam o direito de ir e vir entre eles. Foi adotado como um dos membros, prolongando assim suas chances de sobrevivência. Como todo bom explorador, seguiu em frente e passou a ter uma rotina de aventuras e descobertas, compartilhadas neste livro.

Nosso herói sabia que alguns exploradores não retornaram ao ponto de lançamento. Não foram mais localizados, mesmo depois de buscas incessantes, nos quadrantes espaço-temporais. Esse era um risco assumido pelos pilotos, desde a formação, na União Estelar Temporal (UET).

Mas isso não significava que recusaram as missões. Para muitos, o que os atraía para a UET era a aventura genuína, sem contornos suaves, com muitas curvas fechadas e reviravoltas. Voltar ou não, não importava. Eles queriam viver, plena e intensamente, cada dia, em um lugar desconhecido, em um tempo indeterminado.



CAPÍTULO 1

Entrando no ninho, me deparei com a vigia, que me percorreu de cima abaixo com seus sensores de odor e gustação, me dando o passe para estar junto ao superorganismo, mais precisamente, dentro dele.

Logo depois da entrada, a visão era de um edifício de cera e resinas vegetais, agregadas de tal forma, que Gaudí entraria em êxtase devido a simetria sagrada aplicada a cada detalhe.

As recém-nascidas, já em função de algo na colônia, seguiam os odores emanados pela matriarca e trabalhavam nos primeiros minutos de vida, pós metamorfose.

As que estavam com mais dias, quase na adolescência, pois aqui o tempo é em outra escala, estavam prestes a conhecer o mundo exterior, seus olhos poderiam ter essa experiência logo.

Por mim passavam ligeiras as que já conheciam o mundo externo, indo e voltando com néctar e pólen de áreas próximas e longínquas, enfrentando os ventos, os bicos e garras, o sol, as tempestades, o frio e a disputa com outros seres pelos seus bens alimentares.

Fiquei ali, parado, deixando os odores, sons e visões da colônia me dominarem por muito tempo, então decidi ir mais para dentro deste ser, que é formado por muitos seres, coordenados por uma força que desconheço.

Subi pelo ninho e fui reconhecendo os discos de postura, os potes gigantescos de mel e pólen, os ácaros

que viviam em comensalidade, alguns parasitas aqui e ali, mas que estavam contidos pela saúde geral da colônia.

Então, a vi.

Lá estava a monarca, na sua função primeira de reproduzir as células daquele grande organismo, que estende seus tentáculos voadores para polinizar o planeta.

O grande abdômen, carregado de vida, distribuía os ovos em cada cápsula de transformação. Estava absorta em sua faina, quando me viu...